

Cultura, criatividade e economia criativa no Porto contemporâneo

P. Guerra ^(a), T. Sá Marques ^(b), C. Ferreira ^(c), C. Maia ^(d), D. Ribeiro ^(e), P. Ribeiro ^(f)

^(a) Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP), Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), pguerra@letras.up.pt

^(b) Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), tmarques@letras.up.pt

^(c) Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), celiamarisaferreira@gmail.com

^(d) Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), catarina.maia2@gmail.com

^(e) Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), mrcotgeo@gmail.com

^(f) Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT), paularibeiro82@gmail.com

RESUMO

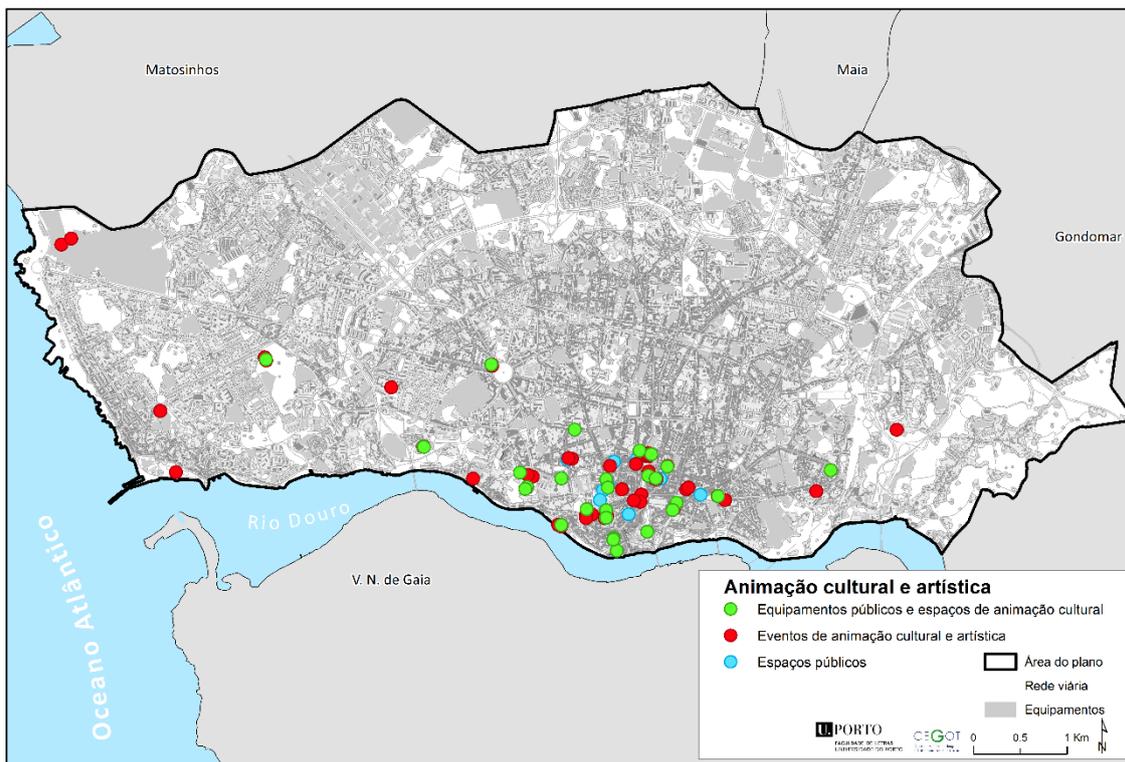
O Porto acolheu vários acontecimentos que viriam a ser focais para o desenvolvimento social e económico da cidade e que têm hoje uma consubstanciação nas dinâmicas culturais e criativas. Neste processo de mudança, destacam-se os atores-chave e os equipamentos que têm tido um papel motor na afirmação da cidade do Porto. Num segundo plano, também importante e a nível meso, temos de destacar os atores que desenvolvam uma ancoragem territorial intensa do ponto de vista regional. Num patamar micro, intensivo e de vivência quotidiana, importa focar o olhar sobre todo o conjunto de iniciativas de consumos e criação cultural, artística e criativa que perpassam a cidade e que vão desde os bares, às discotecas, passando pelos restaurantes e lojas de artista, pelos locais de consumo de moda e *trendy* que congregam toda a criatividade informal e artística da cidade.

Palavras chave: Porto, Criatividade, Cultura, Mudança.

Nunca como nos últimos anos, a cidade do Porto e a Baixa do Porto assistiu a um tão intenso movimento de revalorização social, social, económica e cultural. Novos espaços culturais, lúdicos, musicais e comerciais surgiram e o discurso público rapidamente os relacionou com a reabilitação das áreas devolutas do centro da cidade (Guerra, 2010). Assim, partilhamos da constatação de Carlos Fortuna de que “a cidade (...) reconhece-se simultaneamente como real e representacional, como texto e como contexto, como ética e como estética, como espaço e como tempo, socialmente vividos e (re)construídos” (Fortuna, 1997: 4). À semelhança do que aconteceu em lugares como Manchester, Seattle, Liverpool, Olimpo ou Montreal, a dinamização de cenas culturais, artísticas e lúdicas foi também aqui tomada como mola impulsadora para as alterações na paisagem urbana. Estabeleceram-se atmosferas de fruição urbana de natureza musical e de perfil cosmopolita. À cultura foi entregue o papel de atrair, não só novos residentes, mas também novas atividades económicas, turismo e investimentos. Num trabalho acerca das dinâmicas culturais, criativas e lúdicas emergentes em Portugal (Guerra, 2010), foi possível observar o peso que os novos locais de fruição têm na renovação das cidades em tempos recentes e também a importância que a programação cultural e musical tem assumido na revivificação das cidades. O desenvolvimento de um contributo para o PDM do Porto realizado recentemente, permitiu atualizar esse diagnóstico para a cidade do Porto (figura 1 e quadro 1).

A mobilização do espetáculo e, essencialmente, os novos modos de produção de capital simbólico sedeado na cidade entrelaçam-se com a reorganização urbana. O que Edward Soja resgata de Chambers, e pretende designar o “novo modo de vida contemporâneo que se caracteriza por profundas e imutáveis continuidades com o passado” (2000: 147). Estes espaços apresentam-se como reatualizações presentes dos anteriores espaços de convivialidade e de lazer, desempenham funcionalidades idênticas, mas baseiam as suas ações numa nova materialidade correspondente ao campo de aspirações e universo de possíveis dos atores em presença, predominantemente jovens (pese embora a plasticidade e amplitude cada vez mais dilatada desta condição), portadores de recursos culturais, simbólicos, sociais e económicos de acesso à cultura na cidade.

O desenvolvimento de novos espaços de consumo (mais do que a desindustrialização), a recomposição social e o desenvolvimento de uma economia cultural na intersecção da iniciativa privada e das políticas públicas fizeram com que se modificasse a paisagem urbana e estes espaços têm uma boa quota-parte de responsabilidade nesse processo. A maior estetização dos quotidianos dos urbanitas, o desenvolvimento de novos espaços de consumo e de lazer e a gentrificação que traz para os centros das cidades uma nova classe média, são vertentes deste processo. Em especial, o processo de gentrificação promove o desenvolvimento de espaços culturais no interior da cidade e a instalação de indivíduos prove-



Fonte: CEGOT.UP (2017), CMP (2017)

Figura 1 – Equipamentos, eventos e espaços públicos do setor cultural e criativo (2017). Fonte: *Elaboração própria; fonte dos dados: levantamento próprio (2017)*

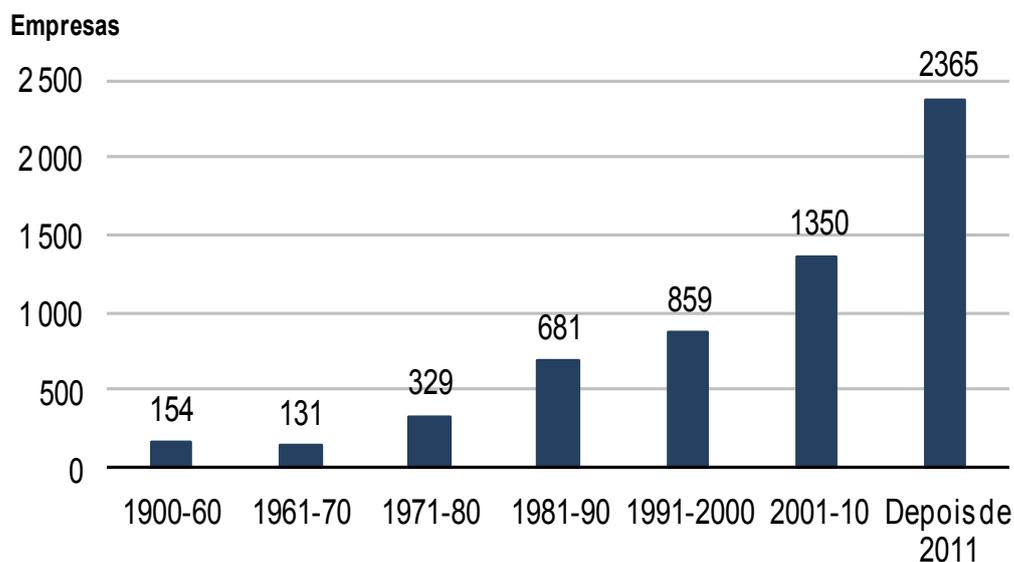


Gráfico 1 – Empresas do setor cultural e criativo, por período de início de atividade, no concelho do Porto (2017). Fonte: *Elaboração própria; fonte dos dados: Informa D&B (2017)*¹.

nientes de grupos sociais do interior da “nova classe média”, que são, em muitos casos, produtores, dinamizadores e consumidores de estilos de vida que abraçam a estilização da vida e possuem disposições que os fazem recetivos aos bens e experiências culturais pós-modernas. (Throsby, 2003).

Os espaços de animação e intervenção afirmam-se

como um novo fôlego para uma cidade afetada pela desindustrialização e pela desvitalização sociodemográfica. Importa também focar o olhar em espaços de fruição cultural e musical do ponto de vista da oferta e procura e conhecer e avaliar a importância da música e das artes na constituição dessas atmosferas e cenas de produção e fruição urbanas, assim como dissecar as compo-

¹ Nota: por falta de dados existentes, na figura não estão representadas as empresas extintas antes do ano de 2006, pelo que os dados referentes aos anos que antecedem o ano de 2006 não correspondem exatamente ao número de empresas criadas nesse período.

nentes das cenas musicais estabelecidas (Guerra, 2010). “A ideia da cidade como espetáculo (...) sempre teve intérpretes consagrados. A interrogação que nos merece esta interpretação é a de saber se o espetáculo e, assim a cultura urbana, estão a matar ou a vivificar as próprias cidades e de que modo.” (Fortuna e Silva, 2002: 412 e 413). Será importante relembrar a este respeito que o número de idosos (e por idosos entenda-se todos os que têm uma idade igual ou superior a 65 anos de idade) a viver na Baixa do Porto representa 27% da população residente, segundo os dados do último recenseamento. Se confrontarmos este registo com os dados de igual fonte, mas de 2001, vemos que este número aumentou 4.4 pontos percentuais, enquanto o número de jovens, com idades entre os 20 e os 24 anos, foi reduzido de 7.8% para 5.4% (uma diferença de 2.4 pontos percentuais).

A cidade do Porto acolheu vários acontecimentos de ordem política que viriam a ser essenciais para o desenvolvimento social e económico da cidade e que têm hoje uma consubstanciação nas dinâmicas culturais e criativas da cidade. Na década de 1990, o Centro Histórico da cidade foi nomeado pela UNESCO com Património Mundial da Humanidade, e foi também nesta década que a reabilitação de uma parte da ribeira se concretizou (Moreira, 2014). Com a entrada no novo milénio, a cidade do Porto foi nomeada a Capital Europeia da Cultura em 2001, e assumiu como principal desafio gerar uma dinâmica nova na vida cultural da cidade, que se propagou para lá de 2001. Como refere Moreira (2014) “O objetivo passou pela criação de uma “corrente sanguínea” entre galerias, teatros, museus e praças da cidade. Para tal, o redesenho urbano das “artérias” (passeios e vias), dado o seu estado de degradação, impôs-se como fundamental (Moreira, 2014: 12). A cidade passou, assim, a apostar na requalificação da Baixa, com o objetivo de modernizar o comércio local com o intuito de haver competência perante as grandes superfícies comerciais, para que a *movida* na baixa fosse imposta na cidade. A importância destes espaços catalisadores de oferta, mediação e consumo de lazer, de cultura e de criatividade é bem atestada por um inquérito realizado em 2014 e outro em 2016, junto dos frequentadores da noite do Porto.

Desta feita, a nossa abordagem ao Porto é marcada pela perspectiva de que a cultura, e dentro dela, as atividades de lazer e lúdicas, as manifestações artísticas em cruzamento com as de entretenimento, os ativos patrimoniais e suas apropriações quotidianas, as sociabilidades artísticas, as convivialidades turísticas e noturnas em torno das artes, são hoje fator central de desenvolvimento da cidade e dos espaços, constituindo pedras de toque na afirmação das identidades sociais e territoriais. E tudo isso se consubstanciou em diferentes escalas, níveis, setores da atividade cultural e criativa portuense.

Em primeiro lugar, é de salientar e a um nível macro, os atores-chave e os equipamentos que têm um papel motor na afirmação internacional da cultura, da criatividade e da diferença na cidade do Porto – Centro Português de Fotografia, Casa da Música, Fundação de Serralves e Universidade do Porto, entre outros. Importa, a este nível referir que as suas dinâmicas, os seus públi-

cos, os seus projetos, os seus recursos, as suas capacidades de mobilização e suas programações se têm vindo a intensificar por sinergia e mesmo contágio com essa dinâmica de base lúdica que tem vindo a assolar o Porto. Num segundo plano, importante e a nível meso, temos de destacar os atores que desenvolvem uma ancoragem territorial intensa do ponto de vista regional – Museu Soares dos Reis, Museu Romântico, Planetário, Rivoli, Teatro do Campo Alegre, entre outros – onde as suas atividades, projetos, linhas de intervenção, programas, inquéritos aos seus públicos, dinâmicas organizativas e funcionais têm tido um papel charneira de dinamização.

Num patamar micro, intensivo e de vivência quotidiana, importa focar o olhar sobre todo o conjunto de iniciativas de consumos e criação cultural, artística e criativa que perpassam a cidade e que vão desde os bares, às discotecas, passando pelos restaurantes e lojas de artista, pelos locais de consumo de moda e *trendy* que congregam toda a criatividade informal e artística da cidade. Assim, as suas agendas, os seus projetos, os seus públicos, os seus consumos, as suas temporalidades, os seus projetos criativos que envolvem, etc. têm sido determinantes para a emergência de uma “nova” cidade (Guerra e Oliveira, 2015; Lage, 2015). Abordando a oferta e a procura, mas também a mediação cultural e artística, interessam-nos ainda todo um conjunto de eventos que têm marcado a agenda cultural, artística e criativa da cidade – que vão da larga à microescala – e contribuem decisivamente para a afirmação plural da cidade: Serralves em Festa, Primavera Sound, D’Bandada, *flea markets*, Dias da Dança, Almada em Festa...

Abordando a oferta e a procura, mas também a mediação cultural e artística, interessam-nos ainda todo um conjunto de eventos que têm marcado a agenda cultural, artística e criativa da cidade – que vão da larga à microescala – e contribuem decisivamente para a afirmação plural da cidade (são exemplos, Serralves em Festa, Primavera Sound, D’Bandada, *flea markets*, Dias da Dança, Almada em Festa). Todos estes eventos/festivais mostram bem o seu papel decisivo em diversos planos: na programação e difusão da cultura e do lazer; na modelação e partilha de gostos/fruições culturais; na articulação entre vivências e fruições estéticas, recreativas e conviviais; na sua assunção como fator de desenvolvimento local e de lógicas de fruição associadas ao bem-estar e qualidade de vida (e seus impactos, i.e. turismo), e de articulação local/global; e na sua centralidade no âmbito de políticas de desenvolvimento local, bem como de políticas culturais e de recomposição identitária.

Nesta dinamização cultural, lúdica e criativa da cidade têm assumido importante e renovada relevância os espaços públicos da cidade na medida em que são cenário e palco de sociabilidades culturais, lúdicas e criativas. Existe, assim, um retorno à rua manifesto em muitos espaços nomeadamente na Miguel Bombarda aquando das inaugurações, à noite nas Galerias de Paris, Praça dos Leões e Parada Leitão, para feiras e mercados no Passeio das Virtudes e na Rua das Flores, entre outros.

Prosseguindo a nossa análise, é possível também considerar que os dados existentes, nos permitem verifi-

car, desde logo, um crescente dinamismo no setor cultural e criativo do concelho do Porto considerando a segmentação de atividades por nós consideradas: as atividades culturais, as indústrias culturais, as atividades criativas e as atividades lúdicas e de lazer. Nos últimos anos, o número de empresas novas ligadas a este setor tem apresentado aumentos bastante significativos (Gráfico 1) e, ao que tudo indica, têm conseguido manter uma atividade capaz de as manter no ativo. Estes dados alinham o Porto com a agenda científica e política que tem vindo ao longo da última década a salientar a importância das indústrias culturais e criativas enquanto apostas prioritárias de desenvolvimento local, regional, nacional e europeu, uma vez que os setores que envolvem essas indústrias apresentam uma série de vantagens competitivas, a saber: mantêm elevado crescimento internacional não obstante o contexto de crise sentido recentemente; são setores intensivos em mão-de-obra; empregam mão-de-obra juvenil e com elevadas qualificações académicas e profissionais; apresentam reduzidas barreiras na sua alavancagem devido ao baixo nível de investimentos necessário à criação de novos postos de trabalho (Landry, 2003 e 2005).

Portanto, de um ponto de vista de adequação ao contexto de crise, de retração do investimento e de crescente desemprego jovem qualificado, as indústrias culturais e criativas parecem ser uma fileira de aposta incontornável. Aliás, recorrendo a dados recentes de justificação do Programa Europa Criativa (Comissão Europeia, 2010), podemos considerar que o setor cultural e criativo é importante em termos económicos, educacionais e sociais na medida em que representa cerca de 4,5% do PIB da UE, emprega cerca de 3,8% da mão-de-obra da UE (8,5 milhões de pessoas) e tem um impacto (indireto) importante sobre outras áreas, como o turismo, a educação, a inclusão social ou a inovação social (KEA, 2006).

AGRADECIMENTOS

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COM-

PETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-006891 (Ref^o FCT: UID/GEO/04084/2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Comissão Europeia (2010). *Livro Verde Realizar o potencial das indústrias culturais e criativas*. Disponível em: http://ec.europa.eu/culture/documents/greenpaper_creative_industries_pt.pdf.
- Fortuna, C. (org.) (1997). *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora.
- Fortuna, C., & Silva, A. S. (orgs.) (2002). *Projecto e circunstância: culturas urbanas em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- Guerra, P. (2010). *A instável leveza do rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal* (tese de doutoramento em sociologia). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Guerra, P., & Oliveira, A. (2015). Transmission. Noite, consumos musicais e cenas em Lisboa. *Rossio: estudos de Lisboa*, 4, 94-109.
- KEA (2006). *The economy of culture in Europe*. Bruxelas: KEA, European Affairs.
- Lage, S. (2015). *A “noite ainda é jovem”. Dinâmicas da Movidade portuense na última década*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Landry, C. (2003). *Imagination and regeneration: cultural policy and the future of cities cultural policy and action department*. Bruxelas: Council of Europe.
- Landry, C. (2005). *The creative city*. Londres: Earthscan Publications.
- Moreira, A. (2014). *Som tão Porto: Pilares de formação de uma cena verdadeiramente alternativa*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Soja, E. W. (2000). *Postmetropolis. Critical studies of cities and regions*. Oxford: Blackwell.
- Throsby, D. (2003). *Economics and culture*. Cambridge: Cambridge University Press.